

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. 2017. La invención de las mujeres:
Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del
género. Bogotá: en la frontera.

Francine Pereira Rebelo

Doutorando em Antropologia Social/Universidade Federal de Santa Catarina

João Pedro A. Balduino

Graduando em Ciências Sociais /Instituto Federal de Goiás

O livro *“La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género”* de Oyèrónké Oyèwù mí foi resultado da sua tese de doutorado em Sociologia pela Universidade de Berkeley e publicado originalmente em inglês, em 1997, com o título *“The Invention of Women. Making an african sense of western gender discourses”*. Oyèwù mí é uma pensadora nigeriana de origem Yorùbá e professora de Sociologia da Universidade Stony Brook, em Nova Iorque, Estados Unidos da América. Com esta obra, Oyèwù mí venceu o prêmio de melhor livro da área de sexo e gênero da *American Sociological Association* no ano de 1998.

A obra chegou na América Latina apenas em 2017, vinte anos depois da sua primeira publicação, por iniciativa de Espinosa Miñoso e uma equipe colaborativa de tradutores e interessados na teoria decolonial. Vale ressaltar que Oyèrónké Oyèwù mí é citada no ensaio fundacional de María Lugones *“Colonialidad y género”* (2008), uma das responsáveis por trazer à tona o nome de Oyèwù mí na América Latina e torná-la referência entre os/as estudiosos/as da teoria decolonial. A repercussão da obra de Oyèwù mí na América Latina resultou nesta publicação em castelhano, fundamental por sua contribuição teórica ao feminismo não eurocentrado.

A partir de informações históricas e dados sobre a organização do mundo Yorùbá, Oyèwù mí defende a tese central do seu livro: a categoria gênero e a submissão das

mulheres não são universais. Abordando as transformações epistemológicas da imposição de categorias ocidentais de gênero nas discussões teóricas sobre os Yorùbá, Oyěwùmí argumenta que a categoria “mulher”, fundamental nos discursos ocidentais de gênero, simplesmente não existia para o povo Yorùbá antes do contato com o Ocidente. Enquanto as lógicas culturais ocidentais se baseiam em um determinismo biológico, na qual os princípios da biologia organizam o mundo (“bio-lógica”), na cultura Yorùbá o corpo não era a base de hierarquias sociais e tampouco fundamento das identidades. Assim, para se falar de mulher no mundo Yorùbá, primeiro foi preciso inventá-la.

A transposição da “bio-lógica” ocidental ao mundo social Yorùbá conduziu a uma série de erros historiográficos, metodológicos, epistemológicos e teóricos, por parte de pesquisadores/as acadêmicos/as ocidentais. Oyěwùmí sinaliza e exemplifica, ao longo de sua obra, o fato de que a maioria das pesquisas sobre a organização social Yorùbá tenham pressuposto o “raciocínio corporal”, assumindo a universalidade dos conceitos ocidentais, o que levou a uma utilização acrítica de categorias baseadas no corpo para interpretação da sociedade Yorùbá. Isso mostra que os constructos de gênero em si mesmos não são biológicos, mas derivados da cultura. Consequentemente, usar teorias de gênero ocidentais para interpretar outras sociedades, sem recorrer aos seus próprios sentidos de mundo, impõe um modelo ocidental equivocado como chave de leitura e de compreensão de outros povos.

A exportação mundial das teorias feministas produzidas no e pelo Ocidente são parte do processo de promoção das normas e valores ocidentais. A proposta feminista de visibilizar mulheres pode por vezes ocultar as categorias locais, resultando na imposição de valores culturais ocidentais. Desse modo, a concepção universalista de gênero é também um processo imperialista, possibilitado pelo predomínio material e intelectual do Ocidente. Para a autora, quando os/as acadêmicos/as ocidentais apontam que o gênero é construído, devem se questionar não apenas “por que”, mas também “por quem”. Os estudos africanistas de gênero, em geral, são colocados no interior dos pressupostos teóricos feministas ocidentais, como por exemplo, a universalidade do patriarcado ou da opressão da mulher. Nesse sentido, ao mapear os quadros de referência da sociedade Yorùbá, os/as pesquisadores/as ocidentais imediatamente assumem as mulheres como uma vítima de desvantagem social.

Oyěwùmí aponta que os pressupostos ocidentais não foram capazes de lançar luz às formas reais de organização da sociedade Yorùbá. A lógica pré-colonial Yorùbá não utilizava o corpo humano como base da organização social. No entanto, a sociedade estava organizada hierarquicamente, mas a partir do critério da senhoria, definida pela idade

relativa. Assim, as hierarquias eram constantemente redefinidas, mudando a depender das relações e interações estabelecidas, pois ninguém estava permanentemente em uma posição de maior ou menor idade. Diferentemente das classificações de gênero, fixadas rigidamente no corpo, a senhoria, enquanto identidade social, era relacional e não essencialista.

O caso Yorùbá nos aponta que o gênero não é uma categoria pré-estabelecida. Tampouco pode ser invocado como uma ferramenta analítica independentemente do tempo e do espaço. Oyěwùmí afirma que o gênero, sem dúvidas, tem seu lugar e tempo na análise acadêmica, mas estes não são os mesmos da sociedade pré-colonial dos Yorùbá. Indiscutivelmente, o “gênero” chegou durante o período colonial, mas ainda assim deve ser situado dentro de sistemas culturais e a partir da história específica do povo Yorùbá.

Oyěwùmí situa o processo de conversão de gênero das sociedades Yorùbá pós-colonial. Foi no século XIX que as categorias de gênero e o androcentrismo se tornaram evidentes nas instituições e na interpretação da história, a partir, sobretudo, do estabelecimento formal do governo britânico. A sociedade pré-colonial era conhecida como Òyó -Yorùbá, (Velho Òyó), organização política e social predominante até 1837, período anterior a “engeneração” e patriarcalização das instituições Òyó. Para tratar destes sujeitos não “engenerados”, Oyěwùmí estabelece a categoria de *ana-macho*, *ana-fêmea* e *ana-sexo*. O prefixo (“ana”) funciona como forma de identificar distinções fisiológicas, porém sem projetar intrinsecamente uma hierarquia entre as categorias sociais.

A autora faz uma crítica da invenção de homens e reis na escritura da tradição oral Yorùbá. Para tal, traz uma série de nomes de *Obá/ Aláàfin* (governantes) da história Òyó. Tais levantamentos históricos parecem demonstrar que os governantes machos foram norma e que, se tiveram mulheres governantes, estas foram exceções. Nas traduções e leituras da sociedade Yorùbá pelo Ocidente, *Obá* e *Aláàfin* se masculinizaram e tornaram-se reis. No entanto, os nomes, pronomes e categorias sociais Òyó não indicam gênero. Ambas categorias eram neutras, sem gênero e uma posição política acessada e exercida indistintamente pelas ana-fêmeas. Oyěwùmí reflete sobre como a história escrita sobre a sociedade Yorùbá foi pautada no olhar estigmatizado do gênero ocidental, promovendo desencontros da realidade oral com uma linguagem escrita onde o homem é o universal e a mulher é exceção.

Oyěwùmí também critica a feminização de alguns conceitos, com *Ìyálóde*. O termo é comumente traduzido pela historiografia como “mãe dos assuntos públicos”. Segundo a autora, o prefixo *iyá* (*mãe*) insinua uma ana-fêmea, mas também se refere a uma “mulher madura”, carregada de senhoria, responsabilidade e posição social. *Ìyá* traz, antes de

qualquer significação anatômica ou corpórea, uma carga de senhoria. O posto político *Ìyálóde* designa e atribui diversas tarefas que envolvem a comunidade. Apesar disso, muitas vezes as *Ìyálóde's* são compreendidas, em termos ocidentais, como um sistema de chefatura separado e paralelo ao dos homens, criando-se categorias sociais isoladas e com interesses distintos.

Através de diversos relatos, Oyèwùmí mostra o processo complexo em que se deu a colonização e construção do Estado britânico na colônia. Os europeus colonizaram as mulheres africanas, ao mesmo tempo, como povo racialmente distinto e como mulheres, retirando da ana-fêmeas Yorùbá as possibilidades de acesso às decisões e espaços públicos. A criação do sistema de gênero teve muitos pilares, entre eles, os processos de imposição do cristianismo; de um sistema estatal europeu e seu aparato legal e burocrático; da educação ocidental e das leis de acesso à terra, da qual as ana-fêmeas foram progressivamente afastadas. Para a autora, uma das principais mudanças causadas pela colonização foi a “engeneração” da sociedade e das instituições Yorùbá e suas consequências na criação de hierarquias sociais.

A colonização foi um processo pelo qual se institucionalizou e legitimou a hegemonia masculina nas sociedades africanas, além de ser indiscutivelmente um processo racista. No entanto, é necessário reconhecer que apesar de seu profundo impacto, houve resistência Yorùbá e persistência de suas estruturas e ideologias. As formas Yorùbá não desapareceram, apesar de terem sido modificadas pela experiência colonial. Ainda assim, é necessário ressaltar que as hierarquias de gênero na sociedade Yorùbá consolidaram-se de formas distintas das ocidentais. Para o povo Yorùbá, a ideia de uma “humanidade assexuada” não é um sonho e tampouco uma memória a ser resgatada, mas sim algo que ainda existe, embora convivendo com a realidade de sexos distintos impostos durante o período colonial.

Com contribuições teóricas fundamentais para a compreensão da cosmologia e instituições sócio-culturais Yorùbá, Oyèronké Oyèwùmí é uma das teóricas feministas africanas contemporâneas mais relevantes e aclamadas internacionalmente pela originalidade do seu trabalho. Ainda que tardia, a tradução para o espanhol desta obra traz uma oxigenação para os estudos afro-diaspóricos, afro-latinos e decoloniais. A recepção da obra na América Latina – mesmo antes da sua tradução – teve diferentes acolhimentos. Por um lado, como foi acima mencionado, Lugones e outras importantes teóricas decoloniais, como Miñoso (2017) e Mendonza (2014), reconhecem a contribuição de Oyèronké Oyèwùmí ao desconstruir o imaginário ocidental sobre gênero. Por outro lado, Segato (2003) aponta contradições no texto da autora, questionando a aplicação do seu

modelo de gênero. Segato entende que o modelo de gênero de Oyěwùmí é excessivamente purista e incontaminado pelo Ocidente, sendo na realidade uma forma de reivindicar sua própria alteridade Yorùbá frente ao público anglo-saxão com quem dialoga. Ainda assim, Segato reconhece que Oyěwùmí nos oferece um vislumbre das complexidades de gênero entre os Yorùbá, explicitando a alta maleabilidade deste sistema e possibilitando uma realocação do sistema de gênero nos estudos latino-americanos.

Referências

- LUGONES, María. 2008. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 73-101.
- MENDOZA, Breny. 2014. *Los 'fundamentos no-democráticos' de la democracia: un enunciado desde Latinoamérica postoccidental*. In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa, GOMEZ CORREAL, Diana & OCHOA MUÑOZ, Karina (editoras). *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en AbyaYala* (pp.135-159). Colombia: Editorial Universidad del Cauca.
- MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. 2017. *La importancia de leer a Oyěwùmí en América Latina*. In: *La invención de las mujeres: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Bogotá: en la frontera.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. 2017. *La invención de las mujeres: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Bogotá: en la frontera.
- SEGATO, Rita. 2003. Género, política e hibridismo en la transnacionalización de la cultura Yoruba. *Estud. afro-asiát.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 333-363.

Recebido em 26 de junho de 2020.

Aceito em 01 de outubro de 2020.